Pedagogia Hospitalar: práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte-MG

Angélica Marquione de Castro- e-mail: angelica.marquione@gmail.com

Isaura Cristina Bernardo Mendes- e-mail: ic_bernardo@hotmail.com

Gilson Soares Toledo- e-mail: gilson.toledo@hotmail.com

Curso de Pedagogia **Faculdade Presidente Antônio Carlos** **Ubá- MG/Dezembro/2014**

Resumo

O trabalho do pedagogo vai além do contexto escolar, ocorrendo também no ambiente hospitalar. O atendimento pedagógico desenvolvido no hospital é de grande importância para o aluno/paciente que devido à sua enfermidade pode distanciar-se da escola regular e do seu convívio social. Deste modo, surge a questão: como as práticas educativas contribuem para o desenvolvimento do aluno/paciente no ambiente hospitalar? Por hipótese, entende-se que seja possível promover a continuidade da escolarização no hospital favorecendo o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, social e afetivo no aluno/paciente. O objetivo geral deste estudo foi de analisar as práticas educativas do pedagogo no hospital de Belo Horizonte-MG. Objetivos específicos: descrever as práticas educativas visando compreender a importância do pedagogo neste ambiente. Como metodologia foi empregado o método indutivo e qualitativo de análise a fim de abarcar o tema de forma mais ampla. Para a coleta de dados utilizou-se a observação direta, a entrevista e o uso de falas livres, as quais serviram à descrição e análise dos dados. Os resultados indicam que o trabalho pedagógico no hospital é essencial para o desenvolvimento do aluno/paciente enfermo, observando-se como fator de atuação emergente nos hospitais a fim de criar condições que sejam capazes de estimular o processo de aprendizagem, melhorando o convívio social e afetivo acometidos pela enfermidade.

Palavras-Chaves: Pedagogia Hospitalar. Práticas Educativas. Direito à Educação.

Abstract

The pedagogue's work goes beyond the school context, it also occurs at the hospital environment. The pedagogue attendance developed at the hospital has great importance to the long suffering student/patient who, due to his/her illness, can be away from regular school and from his/her social life. This way, the question arises: how do educational practices contribute to the development of the long suffering student at the hospital environment? By chance, we understand that it is possible to promote the continuity of teaching at the hospital environment favoring the development of social, cognitive and affective aspects in the student/patient. The main goal this study was to analyze the pedagogue's educational practices in a hospital in Belo Horizonte- MG. Specific goals: describe educational practices aiming to understand the importance of the pedagogue in this environment. As a methodology, an inductive and qualitative analysis method was used to encompass the theme in a wider way. For data collection direct observation, interview and free speeches were used, which served for description and data analysis. The results point out that the pedagogical work at the hospital is essential to the development of the long suffering student/patient, observing as a factor of emergent actuation at the hospital to create conditions that are able to stimulate the learning process, improving affective and social life seized by an illness.

Keywords: Hospital Pedagogy. Educational Practices. Right of Education.

1. Introdução

O campo de atuação do pedagogo atualmente não tem sido apenas no ambiente escolar. Ele vai além dos muros da escola. Os espaços de atuação do pedagogo abrangem

vários locais como empresas, hospitais e todo ambiente que exige a elaboração e construção de práticas e projetos pedagógicos que sejam capazes de atender às necessidades e especificidades do público que compõe os diversos espaços sociais de trabalho (ALVES *et al.*, 2010).

No que diz respeito ao contexto histórico da Pedagogia Hospitalar, segundo Vasconcelos (2006 *apud* SILVA *et al.*, 2011), os primeiros atendimentos de pedagogos em hospitais foi no ano de 1993, nas proximidades de Paris, quando Henri Sellier abriu uma escola para crianças inadaptadas. Seu trabalho se estendeu por seguidores na Alemanha, França e em outros países da Europa e Estados Unidos que ofereciam atendimento às crianças infectadas pela tuberculose, uma doença contagiosa que impossibilitava o acesso à escola. O acontecimento marcante que fez com que os estudantes, de fato, entrassem nos hospitais foi a Segunda Guerra Mundial, através de um grande número de crianças e adolescentes sem condições de ir à escola. A partir daí, educadores e médicos reuniram-se para colaborar na recuperação dos pacientes.

De acordo com Schilke (2008), no Brasil, a primeira ação de educação hospitalar surgiu em 14 de agosto de 1950, no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, que tinha capacidade para 200 leitos e uma média de 80 crianças em idade escolar que estavam hospitalizadas.

Apesar disso, o reconhecimento desta modalidade educacional no Brasil só ocorre efetivamente em 2002, a partir da regulamentação do espaço de atuação do Pedagogo. O Ministério da Educação (2002), por meio de sua Secretaria de Educação Especial, resolveu elaborar um documento constituído de estratégias e orientações que teriam condições de promover a oferta do atendimento pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares de forma a assegurar o acesso à educação básica e a atenção às necessidades educacionais especiais. Assim sendo, promoveria o desenvolvimento do aluno/paciente e contribuiria para a construção do conhecimento desses educandos hospitalizados.

Apesar do trabalho pedagógico desenvolvido no hospital ser muito importante para o atendimento do aluno/paciente Matos e Mugiatti (2006, p.48), afirmam que “no Brasil, a grande maioria dos hospitais não possui o atendimento do pedagogo ao escolar hospitalizado. Ainda não há reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados têm o direito à educação.” Diferente disso, o hospital de Belo Horizonte, Minas Gerais, conta com cinco pedagogos que promovem o atendimento pedagógico, e portanto foi

a instituição escolhida para desenvolver o trabalho sobre as práticas educativas no ambiente hospitalar.

Deste modo, a questão a ser investigada é: como são desenvolvidas as práticas educativas por pedagogos no ambiente hospitalar?

A este respeito, Matos e Mugiatti (2006) apontam a necessidade da presença dos pedagogos em hospitais a fim de atenderem as necessidades concernentes ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos/pacientes enfermos, contribuindo desta maneira para a continuidade da escolarização neste ambiente.

Acredita-se, portanto, que assim o aluno/paciente passa a ser reconhecido como um ser integral, que necessita desenvolver os aspectos cognitivo, social e afetivo dentro do ambiente hospitalar em que está inserido (SILVA *et al.*, 2011).

Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar as práticas educativas do pedagogo no hospital de Belo Horizonte-MG.

Objetivos específicos: Descrever as práticas educativas visando compreender a importância do pedagogo neste ambiente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Silva *et al.* (2011), o universo de atuação do pedagogo tem ampliado significativamente. Em função disso, este profissional precisa estar preparado para atuar em diferentes áreas profissionais. Neste sentido, Rodrigues (2012) afirma que nos últimos anos os hospitais vêm se tornando um campo de atuação muito interessante, buscando atender crianças e adolescentes que, por algum problema de saúde, permanecem hospitalizados por um determinado período de tempo, mostrando que é possível educar fora da sala de aula regular. Afirma-se que:

A pedagogia hospitalar é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, previne o fracasso escolar, que, nesses casos, é gerado pelo afastamento da sala de aula onde originariamente estuda (RODRIGUES, 2012, p. 42).

A este respeito ainda, Assis (2009) entende que o atendimento pedagógico-educacional em instituições hospitalares deve considerar a inter-relação entre duas importantes áreas: educação e saúde, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da pessoa que está hospitalizada, visando atender seus direitos e melhorar sua

qualidade de vida. A qualidade de vida, neste caso o bem-estar e o estar bem do aluno/paciente, implica atender às condições físicas, psicológicas e sociais que favoreçam o indivíduo a desfrutar de uma vida com mais possibilidades para sua realização pessoal, profissional e afetiva.

Quanto ao papel da educação no hospital:

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos pedagogia hospitalar. Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora de seu quadro clínico (FONTES 2005 *apud* MATOS, 2012, p. 135).

Tendo em vista as diversas leis e pareceres brasileiros constantes nos documentos oficiais¹, é fato que se reconhece hoje a necessidade de atuação do pedagogo em ambiente hospitalar. Entende-se também que este profissional tem a finalidade de suprir as necessidades dos pacientes que ficam hospitalizados, principalmente aqueles que permanecerão por um longo período de tempo no hospital, o que certamente implicará prejuízos no seu processo de aprendizagem escolar, podendo inclusive perder o ano letivo. Portanto, o aluno/paciente que recebe este atendimento pedagógico passa a ser reconhecido como um ser integral que necessita continuar o seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo (SILVA *et al.*, 2011).

Com a finalidade de atender às necessidades educacionais de crianças hospitalizadas, a Resolução CNE/CEB n° 2 de 2001, institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, na qual o Art. 13 especifica o atendimento pedagógico às crianças hospitalizadas da seguinte forma:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado aos alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1° As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças,

¹Ministério da Educação, 2002; Resolução CNE/CEB n° 2 de 2001; Resolução n° 41 do CONANDA, 1993-2004; Art 58 § 2° da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96; Cap. IV, Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990.

jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

Além do atendimento educacional especializado aos alunos que estão impossibilitados de ir à escola, o estudante hospitalizado tem também o direito de brincar assegurado na Resolução nº 41 do CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente). No Artigo 9 desta resolução, está estabelecido que a criança hospitalizada tem “o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar.”

De acordo com Matos e Mugiatti (2006), “a educação na pedagogia hospitalar não pode ser identificada como simples instrução (transmissão de alguns conhecimentos formalizados), mais que isso ela é um suporte psicossociopedagógico muito importante porque não isola o escolar na condição apenas de doente, mas o mantém integrado às suas atividades tanto na escola quanto na família, sempre apoiado pedagogicamente apesar de estar vivenciando naquele momento uma condição de pessoa enferma.”

A hospitalização para os alunos/pacientes implica o desenvolvimento de sentimentos de fragilidade, desconforto, insegurança e dor. Portanto, uma das responsabilidades do pedagogo em ambiente hospitalar é de oferecer a estes pacientes internos atividades em que possam ter a oportunidade de verem suas necessidades físicas, sociais, intelectuais e emocionais serem atendidas, dando a estas pessoas condições mínimas de viverem o período de internação em um ambiente humanizado e acolhedor (RODRIGUES, 2012).

Tratando-se das práticas educativas hospitalares, Sant’Anna (2010) define que são ações de intervenção desenvolvidas pelo pedagogo durante a realização do seu trabalho que contribuem, de fato, para um saber significativo capaz de provocar o pensar, além de envolver de forma significativa o aluno internado reintegrando-o ao seu convívio social, contribuindo também para elevar a autoestima deste aluno, assim como melhorando seu bem estar social, possibilitando, desta forma, a abertura para novos caminhos e trabalhos com o lúdico de forma sempre agradável, respeitando evidentemente os limites do aluno/paciente.

Para desenvolver o trabalho pedagógico proposto em hospitais é necessário que o profissional tenha a formação ou especialização em Pedagogia Hospitalar. Espera-se que esta qualificação capacite o pedagogo a atuar de forma flexível, comprometida e ética, ressaltando-se que as atividades pedagógicas propostas para os alunos devem ser programadas e adaptadas de acordo com a realidade de cada um, dependendo evidentemente das condições enfermas do paciente, contando sempre com o apoio dos diversos profissionais envolvidos.

Segundo Matos (2012), esse atendimento poderá desenvolver tanto nas enfermarias, quanto nos leitos ou ainda em salas apropriadas.

Ainda de acordo com este autor, a educação e a saúde deverão estar sempre em consonância, buscando soluções qualitativas para que os alunos/pacientes hospitalizados continuem desenvolvendo, aprendendo e interagindo com novas experiências de vida no ambiente hospitalar.

3. METODOLOGIA

3.1. Universo da pesquisa

A pesquisa sobre o tema Pedagogia Hospitalar: práticas educativas em um hospital de Belo Horizonte-Minas Gerais, foi realizada em um hospital público não-estatal que se destaca no atendimento aos programas de reabilitação na cidade de Belo Horizonte. A primeira forma de contato ocorreu por telefone e e-mail, com os Recursos Humanos e uma das cinco pedagogas.

Este hospital foi inaugurado em 1997 e está inserido em uma rede de hospitais contendo 9 (nove) unidades em diferentes estados do Brasil. Optou-se em realizar a pesquisa na unidade de Belo Horizonte-MG por ser o local mais próximo da Zona da Mata mineira, uma instituição que possui 125 leitos e 130 funcionários. Neste hospital estão implantados os programas de reabilitação do lesado medular, do lesado cerebral adulto e infantil, de genética médica e de distúrbios neuromusculares assim como o programa complementar ortopédico clínico e cirúrgico.

A pesquisa foi realizada com uma das cinco pedagogas atuantes no Hospital de Belo Horizonte que desenvolve o acompanhamento escolar com os alunos/pacientes. Por se tratar de uma visita técnica para fins de pesquisa acadêmica, de acordo com as normas do hospital, somente uma pedagoga pôde nos acompanhar e explicar seu trabalho. Assim sendo, não foi possível desenvolver a entrevista com os alunos, pais e com os demais profissionais do hospital.

Apesar de ter sido proposto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o hospital optou por emitir uma declaração para fins de comprovação de comparecimento na “Área da Pedagogia”² devido ao regimento interno do mesmo.

²Termo utilizado no Hospital Belo Horizonte para designar o local de atuação profissional do pedagogo dentro da instituição.

A coleta dos dados desta pesquisa foi realizada a partir da observação direta, entrevista e falas livres. Segundo Marconi e Lakatos (2010) “a observação direta é realizada através de duas técnicas: observação e entrevista. A entrevista trata-se, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.”

A entrevista foi desenvolvida através de perguntas pré-estabelecidas com falas livres da pedagoga, na qual a mesma forneceu informações relevantes que foram utilizadas na pesquisa.

Utilizou-se para a descrição da análise dos dados o método de abordagem indutivo. De acordo com Marconi e Lakatos (2010) “a indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.” A pesquisa é indutiva quando se estuda vários casos particulares para se chegar a um conhecimento geral. Por isso, nós fomos a Belo Horizonte para conhecer mais um caso particular para contribuir com aquilo que estava sendo estudado ao longo do tempo nós hospitais.

Inicialmente, foi feito um roteiro estruturado de entrevista buscando compreender a importância dos pedagogos no ambiente hospitalar e as práticas educativas utilizadas por estes profissionais da educação no contexto hospitalar. No entanto, no ato desta entrevista contou-se com outras informações livres a critério da pedagoga entrevistada. Os dados foram compilados, interpretados e analisados em uma literatura especializada.

Este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Presidente Antônio Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução CNS °196/96).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As legislações (Ministério da Educação, 2002; Resolução CNE/CEB n° 2 de 2001; Resolução n° 41 do CONANDA, 1993-2004; Art 58 § 2° da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96; Cap. IV, Art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990) que amparam e legitimam o direito à educação da criança que fora hospitalizada por algum motivo de tratamento relacionado à reabilitação em casos como: 1) sequelas de acidente vascular

encefálico; 2) traumatismo crânio encefálico; 3) sequelas de lesão medular; 4) doença de Parkinson, 5) miopatias e doenças osteoarticulares, 6) paralisia cerebral, 7) mielomeningocele e malformações congênitas como pé torto e luxação de quadril (REDE SARAH, 2014).

O atendimento pedagógico no Hospital Belo Horizonte-MG foi implantado no ano de sua inauguração (1997), permitindo assim, estabelecer relações de acompanhamento escolar e práticas educativas diversas com profissionais especializados.

A entrevistada relatou que sua *“contratação foi feita mediante um processo de seleção, com prova específica, entrevista e em seguida foi disponibilizada uma bolsa remunerada de treinamento momento dedicado à avaliação de suas práticas. Informou ainda que a contratação é feita por uma empresa privada que, por sua vez, realiza seus contratos de trabalho pela CLT(Consolidação das Leis do Trabalho), mantendo regularmente atividades de educação continuada, garantindo a qualidade nos atendimentos.”*

Neste contexto, é importante mencionar que segundo Matos (2012), os hospitais devem designar profissionais qualificados para desenvolver esta modalidade de atendimento pedagógico, oferecendo-o com qualidade contando com profissionais especializados.

Relacionando-se ao atendimento educacional em âmbito hospitalar, o local pesquisado de acordo com a pedagoga *“possui em seu quadro um grupo específico de colaboradores da área da educação que desenvolvem este atendimento. São estes: a) cinco pedagogos (que atuam no acompanhamento escolar); b) um professor de Nível Médio (que atua na contação de histórias e jogos educativos), c) um docente de Educação Física e d) uma professora de Arte.”*

De acordo com as informações da pedagoga entrevistada *“são frequentes as reuniões entre os professores citados, os pedagogos e os profissionais da saúde. Estas reuniões acontecem uma vez por semana, baseadas em discussões sobre o quadro clínico do paciente observando o atendimento globalmente, trabalhando sempre em equipe composta por médicos, fisioterapeutas, psicólogos e os pedagogos, portanto ocorrem de forma inter/multidisciplinar.”*

Seguindo essas observações acima, Matos (2012) expõe que o pedagogo hospitalar é responsável por atender às necessidades educacionais dos alunos/pacientes, ficando então cada profissional responsável por sua especificidade dentro do hospital.

A pedagoga informa que *“não se deve atender apenas ao aspecto cognitivo no que se refere ao atendimento pedagógico no hospital. A relação entre os professores e profissionais da saúde no ambiente hospitalar é imprescindível.”* Para Matos e Mugiatti (2006), a

integração e a inter-relação dos profissionais no ambiente hospitalar não envolve somente aspectos físicos e biológicos, preocupa-se também com valores de humanização em busca da satisfação de todos envolvidos neste ambiente.

Do ponto de vista dos autores Tavares e Andrade (2013), o atendimento educacional que acontece no ambiente hospitalar deve ocorrer em parceria com os demais profissionais da saúde, favorecendo o restabelecimento do aluno/paciente.

A entrevistada informa, ainda que *“os pedagogos e demais profissionais da educação desenvolvem encontros e reuniões que acontecem regularmente a fim de avaliarem o desenvolvimento dos alunos, procurando sempre planejar estratégias para ajudá-los, beneficiando suas habilidades e não focando apenas em suas dificuldades. Contribuindo para novas descobertas em que o aluno/paciente possa se sentir mais à vontade possível.”*

Dessa forma, nota-se a necessidade da presença dos pedagogos no ambiente hospitalar. Em virtude de suas especificidades, colaboram para que os alunos tenham diferentes situações de aprendizagens dando continuidade a sua escolarização (MATOS e MUGIATTI, 2006).

De acordo com os dados coletados nesta pesquisa, a pedagoga relatou que *“o contato dos pedagogos hospitalares, docentes e especialistas da escola regular acontece duas vezes por semana. A pedagoga hospitalar orienta a escola quanto às necessidades de adaptações para receber alguns alunos que possuem condições específicas quando há reintegração à escola. Da mesma forma, a pedagoga hospitalar aprende, avalia e insere na sua prática pedagógica, ações de intervenção para os estudantes hospitalizados, de acordo com as orientações advindas da escola de origem dos pacientes internados.”*

A entrevistada nós informou ainda que, *“referindo-se especificamente às adaptações na escola de origem do aluno/paciente, deve-se eliminar barreiras arquitetônicas como (escadas, banheiro e porta estreitos) possibilitando o acesso a todos os ambientes da escola e disponibilizar recursos que favoreçam o desempenho do aluno durante seu retorno à escola e até uma possível mudança ou adaptação no currículo, a fim de que seja possível promover atividades que possam ser trabalhadas no hospital.”*

A esse respeito, Matos e Mugiatti (2006, p.73) completam ainda que:

Neste contexto, o pedagogo é o agente de mudanças, pois entende-se que o escolar hospitalizado não é um escolar comum, ele se diferencia por estar acometido de moléstia ou algum dano ao seu corpo, razão pela qual precisou de cuidados médicos, bem como necessita ainda de ajuda para vencer as consequências de sua própria hospitalização.

Matos (2012) apresenta também uma importante contribuição acerca do contato entre os professores hospitalares e os docentes da escola regular. Este afirma que as dificuldades do aluno quando está afastado de sua escola de origem, podem ser minimizadas se houver um planejamento articulado entre os profissionais da escola e os pedagogos do hospital. Porém confirma que é imprescindível que tais profissionais estejam efetivamente interessados no sucesso do aluno hospitalizado.

A entrevistada também relatou que *“os alunos/pacientes que recebem atendimento pedagógico no hospital são os que estão em processo de reabilitação, sempre priorizando os casos mais agudos, e de traumas recentes. Em caso de outra enfermidade o paciente só será atendido pelos pedagogos e demais profissionais habilitados caso a primeira necessidade for a reabilitação fisionomora.”*

Tomando-se por base o fato de que o acesso à educação é um direito da criança e do adolescente hospitalizado, que por algum motivo de tratamento de saúde não podem frequentar a escola, estes necessitarão de alternativas de ensino independentes do período em que estiverem hospitalizados, assegurando seus direitos à educação e à saúde definidas nas leis, evidenciando uma nova visão por parte dos hospitais:

O Estatuto da criança e do adolescente (Cap. IV, Art. 53), a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o trabalho e o Conselho nacional dos direitos da criança e do adolescente (Resolução n.41, de 17/10/95, §9) direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação par a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência no hospital (MATOS, 2012, p. 101-102).

Segundo a Lei de diretrizes e bases 9394/96 (Art 58§ 2º), *“o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.”*

De acordo com as informações da pedagoga entrevistada, *“os pedagogos do hospital não seguem o currículo da escola regular do aluno/paciente e sempre recorrem à família para que entre em contato com a escola para que esta envie as atividades que o aluno estava desenvolvendo, ou seja, o currículo do hospital é montado de forma a atender o estudante internado, considerando níveis de maturação e aprendizagem, sem vincular-se com os critérios de cumprimento do currículo existentes na escola regular.”*

A legislação dos Direitos da Criança e do Adolescente recomenda em seu Art. 9 que é “direito do aluno, desfrutar de alguma forma de recreação, dos programas de educação para a saúde e do acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar”. Como o hospital não segue o currículo da escola de origem do aluno como especificado na legislação, cabe ressaltar que a forma do hospital atender tem contribuído significativamente na ação escolar onde os pedagogos estão sempre desenvolvendo atividades educativas que promovam os saberes escolares dos alunos/pacientes (CONANDA, 1995).

O local do atendimento pedagógico, segundo a entrevistada, “*pode ser na enfermaria, leito ou em uma sala onde são realizadas as refeições (refeitório), dependendo das necessidades dos alunos/pacientes.*” A esse respeito, Matos (2012) destaca que, dependendo das condições do aluno/paciente, poderá acontecer na enfermaria, numa sala apropriada ou ainda no leito, onde deverá acontecer o apoio de todos os profissionais que ali estão envolvidos, para que o tempo de atendimento possa ser facilitado.

Para abordar a especificação do atendimento pedagógico desenvolvido no hospital, foram destacadas as seguintes dimensões para a pedagoga do hospital: 1) Programação do atendimento; ³2) Progresso do aluno ⁴e 3) Como são utilizados os resultados deste progresso⁵.

Como é feita a programação do atendimento pedagógico?	É feito um acompanhamento escolar do progresso do aluno?	Como são utilizados os resultados?
<p><i>“De acordo com a pedagoga o paciente é avaliado e a partir desse diagnóstico são planejadas as estratégias de atendimento individual ou em grupo, tendo flexibilidade de agenda. A família deve entrar em contato com a escola de origem do aluno, para que esta mande as atividades. Quando não manda, é elaborada uma programação com atividades de acordo com o nível de escolaridade do aluno.”</i></p>	<p><i>“Sim. Através de um prontuário médico do hospital que é disponível online, onde todos os profissionais têm acesso, e então todas as informações são colocadas neste prontuário.”</i></p>	<p><i>“Os resultados contribuem para a descoberta de outras habilidades, oportunizando diferentes situações de forma que possa estar sempre os ajudando no progresso escolar. E também os resultados são encaminhados para a escola de origem, onde é feito um relatório do aluno/paciente, mostrando que ele ficou internado tanto tempo, se ele ainda tem algumas dificuldades.”</i></p>

³ Como é feita a programação atendimento pedagógico no hospital, as estratégias, como o aluno é avaliado?

⁴ Como é feito o acompanhamento escolar do progresso do aluno, como são registrados?

⁵ Como os resultados do progresso do aluno são encaminhados para a escola de origem, através de que procedimentos?

Quadro 1- Especificação do atendimento pedagógico - Hospital Belo Horizonte/ MG

Fonte: MARQUIONE; MENDES (2014)

Portanto, Matos (2012), concorda que cada momento do aluno hospitalizado deve ser avaliado pelo pedagogo hospitalar e por todo o corpo clínico. A pedagoga do hospital relatou também que existem benefícios da escolarização neste ambiente contribuindo para a inserção e reinserção escolar e social do aluno/paciente. Deste modo, Matos (2012) relata que os benefícios da escolarização no ambiente hospitalar juntamente com a presença do professor neste momento de fragilidade trazem para o aluno/paciente uma confiança que recupera sua autoestima além de inibir a dor e a tristeza.

De acordo com a entrevistada, *“as práticas educativas desenvolvidas com os alunos/pacientes no hospital são diversas, dentre elas destaca-se o uso de atividades que o aluno já estava desenvolvendo na escola regular. Além desta, os próprios pedagogos do hospital planejam atividades lúdicas, oficina de culinária, jardinagem, artesanato (pintura, crochê), socializações internas (teatro, festa junina, grupo de danças), arte digital, lego, contação de histórias, visitas a museus, comunicação alternativa (como prancha de comunicação, mouse adaptado). Os alunos/pacientes também brincam no leito com seus próprios brinquedos ou os que o hospital disponibiliza.”*

Segundo a pedagoga, *“os objetivos de todas as práticas educativas desempenhadas no hospital visam oportunizar situações significativas de aprendizagens que contribuem tanto para o processo de reabilitação quanto para o desenvolvimento do paciente proporcionando descobertas de outras habilidades.”*

A entrevistada informou também que, *“as práticas educativas são para os alunos/pacientes uma necessidade. Através delas, sentem-se mais autônomos e responsáveis por darem continuidade ao seu estudo, contribuindo para o seu desenvolvimento, autoestima, bem-estar social e físico, devendo sempre respeitar os limites do paciente.”* Percebe-se que, todas essas atividades desenvolvidas no ambiente hospitalar trazem uma sensação boa que faz refletir no estado físico e emocional do aluno/paciente, que tornará sua recuperação mais leve e agradável (SANT’ANNA *et al.*, 2010).

A pedagoga relatou que *“além da diversidade de atividades desenvolvidas, há outros recursos pedagógicos e tecnológicos utilizados nas práticas educativas, como o uso do computador, mouse adaptado e livros.”*

No planejamento e na programação das práticas educativas, a pedagoga explica que, *“quando o material da escola de origem não é enviado pela família, ela tem autonomia para desenvolver as atividades que achar necessárias de acordo com as necessidades do aluno/paciente.”* Neste sentido, Matos (2012) ressalta que as atividades pedagógicas no ambiente hospitalar e as propostas para os alunos/pacientes devem ser adaptadas e programadas de acordo com a realidade em que estão inseridos, tendo comprometimento com práticas educativas inovadoras atentando para que não sejam tradicionais, levando sempre em consideração as necessidades desses estudantes.

Pode-se observar o quanto as atividades desenvolvidas pelos pedagogos deste hospital envolvem o aluno hospitalizado em aprendizagens significativas para a sua vida. Matos (2012, p. 180), relata sobre os benefícios das atividades no ambiente hospitalar dizendo que:

Há inúmeras atividades que podem ser aplicadas no contexto hospitalar, desde que sejam tomadas as devidas precauções e cuidados em desenvolvê-las. Estas atividades podem: auxiliar a cura, ajustando o enfermo à rotina hospitalar e às restrições impostas pela moléstia; também poderá aliviar fatores emocionais, que surgem devido à situação pela qual está enfrentando e criar um ambiente favorável para a sua recuperação.

A este respeito ainda, Rodrigues (2012) menciona que uma das responsabilidades do hospital é oferecer atividades aos alunos/pacientes a fim de que obtenham oportunidades de desenvolver suas necessidades físicas, sociais, emocionais e intelectuais. Isto deve ocorrer para que no período de sua hospitalização seja possível assegurar condições adequadas de viver em um ambiente mais acolhedor e humanizado.

Sobre os benefícios sucedidos a partir destas práticas educativas, Rodrigues (2012, p.71) diz que:

As atividades escolares realizadas no âmbito hospitalar objetivam minimizar os efeitos negativos da hospitalização, à medida que atendam às necessidades básicas de desenvolvimento das crianças, evitam a defasagem de conteúdos e uma possível exclusão escolar após a alta e possibilitam também que elas mantenham o vínculo com suas vidas e com suas rotinas fora do hospitalar. Os pedagogos deverão estar lá pra atender as dificuldades dos alunos-pacientes e proporcionar a eles a realização do processo educativo e pedagógico, levando atividades diversificadas de escrita, leitura, matemática e jogos para garantir o desenvolvimento intelectual e o acompanhamento escolar.

Corroborando com esta análise, notou-se que existem situações e tratamentos muito específicos no hospital. Considera-se que, não é uma tarefa fácil cuidar do atendimento

pedagógico atendendo as especificidades de cada estudante hospitalizado. De acordo com esta pesquisa, identificou-se a necessidade de observar alguns cuidados a serem tomados quanto ao trabalho pedagógico no ambiente hospitalar realizado em leitos ou em outros espaços dentro do hospital ou mesmo na residência do aluno em tratamento de saúde.

A pedagoga informou ainda que, *“é possível assegurar que os pedagogos devam ter o conhecimento das patologias e dos procedimentos hospitalares, como no caso dos pacientes com doenças infectocontagiosas que estão em isolamento, por exemplo. Neste caso especificamente, deve-se utilizar materiais descartáveis e roupas apropriadas.”* Quanto a esses cuidados, Matos (2012) esclarece que os materiais destinados aos alunos com doenças contagiosas devem ser descartáveis ou esterilizados.

É importante ressaltar que, de acordo com a entrevistada *“o relacionamento dos pedagogos hospitalares com os alunos/pacientes processa-se de um ponto de vista no qual se preocupa com o seu bem-estar, pois ressalta que antes de desenvolver qualquer atividade é preciso escutar o paciente, saber o que ele tem evitando o constrangimento, para que o aluno/paciente não se sinta incapaz de realizar as atividades propostas.”*

Rodrigues (2012) explica que é imprescindível o bom relacionamento da pedagoga com os alunos do hospital. Deve-se construir uma relação de companheirismo e afetividade entre pedagogo hospitalar e paciente tendo em vista o seu restabelecimento. Socialização e integração favorecem significativamente a mudança do quadro em que se encontra o estudante. O que se precisa evitar é que o estado de fragilidade e enfermidade do aluno/paciente abale sua saúde ou mesmo o impeça de lutar.

Os anseios e necessidades do aluno/paciente no hospital devem ser prioridade levando em consideração ações de intervenção que sejam pedagógicas, portanto, técnicas. O que se espera de um bom pedagogo hospitalar é que tenha uma boa escuta. Esta prática da escuta pedagógica é capaz de ajudar o paciente a adaptar-se ao novo ambiente.

Não basta apenas ouvir o que é pronunciado pelo paciente, é necessário saber atuar em diferentes situações, de forma a despertar o desejo de aprender e continuar sua vida. Deve-se incentivar a busca da felicidade mesmo dentro do hospital, para que se tenha melhor aceitação da doença e se recupere mais rápido. Por meio da escuta pedagógica, o paciente pode desabafar e se sentir melhor, pois cria sua identidade, deixando de ser apenas mais um número de prontuário. Nesse processo, não é somente o paciente que aprende no ambiente hospitalar. O professor, ao relacionar-se com a criança hospitalizada, adquire novos conhecimentos, aprende a lidar com seus sentimentos e a superar seus limites (SILVA *et al.*, 2011, p.6).

Constatou-se a partir dos dados da entrevista, de acordo com a pedagoga que *“a família está sempre presente no processo de reabilitação de seus filhos. Os atendimentos são muitas vezes diários e ocorrem no hospital porque os profissionais têm a responsabilidade, inclusive, de orientar os pais ou o cuidador sobre as atividades rotineiras do paciente, tais como banho, alimentação, correção da postura e também atividades pedagógicas para que estas sejam reforçadas e bem realizadas fora do hospital. Com a instrução dos professores e demais profissionais do hospital o entrosamento entre as famílias garantem para os alunos/pacientes um desenvolvimento significativo no processo de reabilitação.”* A este respeito, Matos (2012) completa ainda que os pais precisam apoiar seus filhos emocionalmente e devem também ajudar aos professores nas intermediações entre hospital e escola preocupando-se tanto com a recuperação do seu filho como também permanecendo presentes nos acontecimentos diários.

Apesar de existirem dificuldades para realizar o trabalho no hospital, estas não foram ressaltadas pela pedagoga. De acordo com as informações da entrevistada *“as dificuldades são minimizadas por ser o trabalho realizado em equipe, os colaboradores do hospital têm condições técnicas, materiais, financeiras e são consideravelmente bem remunerados, realizando um trabalho de qualidade.”*

Mediante os dados coletados, verificou-se *“o quanto a pesquisada considera seu trabalho gratificante. “Evidenciou muitas vezes que é preciso humanizar as práticas pedagógicas e também que para atuar nesta área é necessário se qualificar e persistir, acreditando ser esta, a forma de valorizar a profissão do pedagogo.”* De acordo com Matos (2012), para tornar a prática educativa viável em um hospital, deve-se priorizar a dedicação, profissionalismo, amor, afetividade, criatividade num trabalho universal e imprescindível no ambiente hospitalar. Construindo também um espaço hospitalar mais humanizado para um atendimento de qualidade às crianças e adolescentes hospitalizadas.

Percebe-se, segundo Rodrigues (2012) que *“para o pedagogo atuar no hospital, é preciso ter visão humanística, que vai além de teorias preestabelecidas, é ver a criança como um todo priorizando o emocional como fator de grande relevância para a sociabilidade, a interação e a aprendizagem no ambiente hospitalar.”*

Sendo assim, para que o pedagogo consiga realizar o seu trabalho de forma mais eficiente e humanizada no hospital, é necessário haver um trabalho harmonioso entre os multiprofissionais envolvidos neste ambiente, assim como entre os familiares e os profissionais da escola regular, pois desta forma cada um contribui na medida necessária para

que o aluno/paciente se recupere ou se trate obtendo a menor perda possível até que volte às suas atividades educativas, sociais e familiares normais (MATOS, 2012).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se durante a pesquisa que o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar faz-se necessário para que o direito à educação do aluno/paciente seja garantido, uma vez que mesmo sendo estudante, necessita tratar da própria saúde.

O processo de acompanhamento escolar desenvolvido no hospital de Belo Horizonte-MG é muito importante, pois possibilita que os pacientes continuem seu processo de aprendizagem escolar evitando a interrupção dos estudos e possivelmente o aumento da evasão. As diversas práticas educativas disponibilizadas, contribuem para a inserção e reinserção escolar e social, amenizando seu sofrimento quanto à hospitalização e elevando sua autoestima.

De acordo com as vivências exploradas, pode-se afirmar que a presença do pedagogo no contexto hospitalar contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno/paciente, tornando sua recuperação menos traumática. Em virtude da experiência adquirida neste trabalho, percebeu-se claramente que quando se disponibiliza o atendimento é provável que ocorra uma melhora efetiva na aprendizagem dos estudantes hospitalizados.

Considerando a parceria entre família, escola de origem dos pacientes, pedagogos hospitalares e demais profissionais do hospital, evidencia-se um melhor desenvolvimento na reabilitação do estudante hospitalar, propiciando assim trocas de informações e garantindo melhores condições em suas atividades diárias, possibilitando descobertas e favorecendo novas habilidades tanto cognitivas quanto emocionais e, portanto, humanas.

Desta forma, esta pesquisa demonstrou a importância dos serviços oferecidos pelos pedagogos hospitalares indicando como estes serviços são significativos tanto para os alunos como para seus familiares. É importante também mencionar a atenção com que foi feita a acolhida no Hospital Belo Horizonte a fim de que fosse conhecido o trabalho desenvolvido, garantindo um melhor entendimento nesta área que é pouco explorada ainda dentro dos estudos da Pedagogia, apesar de promover experiências e benefícios tão importantes à sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, A. da C. R. et al. Classe Hospitalar: um caminho possível para inserção, permanência e continuidade do processo educativo. In: **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 - Semestral.
- ASSIS, Walkíria de. **Classe hospitalar**: um olhar pedagógico singular. São Paulo: Phorte, 2009.
- BRASIL. MEC (Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial). **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC; SEESP, 2002.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996**. 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.
- _____. Resolução CNE/CEB nº 2, art. 13. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: Diário Oficial da União, 2001. Seção 1E, p. 39-40.
- _____. Resoluções do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA. **Anexo da Resolução nº 41 de 09 13 de outubro de 1995**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Seção 1, p. 58-60.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATOS, E. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis: Vozes, 2012.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes hospitalares**: o Espaço Pedagógico nas Unidades de Saúde. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- REDE SARA. **Unidade Belo Horizonte**. Disponível em: <<http://www.sarah.br/a-rede-SARAH/nossas-unidades/unidade-belo-horizonte/>>. Acesso em 01 de nov. de 2014.
- SANT'ANNA, V. L. L. et al. As práticas educativas vivenciadas pelo pedagogo nos hospitais: possibilidades e desafios. **Pedagogia em ação**, v.2, n.1, p. 1-103, fev/jun 2010- Semestral.
- SCHILKE, Ana Lucia T. **Representações sociais de ser professor em espaço hospitalar**. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3485725/ana-lucia-tarouquella-schilke-completa.pdf/>>. Acesso em 15 de set. de 2014.

SILVA, A. F. da; et al. O Trabalho do Pedagogo no Ambiente Hospitalar. IN: **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, n. IV, p. 01-11, jul-dez 2011.

TAVARES Bruna Feijó; ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. A pedagogia no espaço hospitalar: contribuições pedagógicas a um ambiente de renovação e aprendizagem. IN: **Revista Articulando Saberes**, v.1, n.1, 2013.